

Explorando o medo como estratégia de controle de percevejos

Deisy Yisenia Mayo Quiceno¹, Esther Joaquina Quiceno Mayo¹, Rosangela Cristina Marucci¹

¹Departamento de Entomologia/ PPGEN – Universidade Federal de Lavras (UFLA)

Caixa Postal 3037 – 37200-000 – Lavras, MG – Brazil

deisy.mayol@estudante.ufla.br, esther.mayol@estudante.ufla.br,
rosangelac.marucci@ufla.br

Palavras-chave: efeito de não consumo, parasitoide, risco de parasitismo.

A interação entre *Euschistus heros* (Hemiptera: Pentatomidae) e o parasitoide *Telenomus podisi* (Hymenoptera: Scelionidae) tem sido tradicionalmente abordada sob a perspectiva do efeito de consumo, ou seja por meio do parasitismo. Porém, evidências emergentes indicam que, além do parasitismo direto, inimigos naturais podem modular o comportamento reprodutivo do hospedeiro ou presa por meio de efeitos de não consumo, induzindo a evasão das áreas de risco, redução no número de ovos e até efeitos fisiológicos. A condução de estudos sobre efeitos de não consumo exige o desenho de sistemas funcionais que permitam gerar sinais de ameaça sem que haja consumo (predação ou parasitismo) por parte do inimigo natural. Na interação entre *T. podisi* e *E. heros*, há ausência de estudos específicos que tenham abordado este tipo de efeito. O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma metodologia experimental para avaliar a percepção do risco de parasitismo por *E. heros*, em testes com chance de escolha entre ambientes com e sem a presença de *T. podisi*. Para avaliar a resposta das fêmeas de percevejo, foi projetado um sistema em que um recipiente central de plástico foi conectado, por meio de dois tubos plásticos (7 cm de comprimento × 1 cm de diâmetro), a dois compartimentos laterais. No compartimento central foi liberado um casal de *E. heros*, enquanto um dos compartimentos laterais continha parasitoides adultos e o outro sem parasitoides (controle). No entanto, após 24 horas, os parasitoides atravessavam os tubos e contaminavam ambos ambientes, invalidando o experimento. Em uma segunda tentativa, os parasitoides foram confinados dentro de um tubo plástico vedado na entrada e na saída com tecido voil. Esse tubo foi colocado dentro do recipiente, mas, por estarem imobilizados, os parasitoides não emitiam sinais químicos suficientes para serem detectados pelo percevejo. A área de confinamento foi aumentada, mas mesmo assim não se observou resposta comportamental. Finalmente, a tampa do recipiente foi modificada e conseguiu-se separar os parasitoides por meio de uma malha fina, o que permitiu mantê-los em movimento dentro do mesmo ambiente, sem interferência física, mas gerando um estímulo de risco. Esse processo experimental não apenas permitiu caracterizar comportamentos de evasão em *E. heros*, como também abriu novas possibilidades para o uso de inimigos naturais como agentes moduladores de comportamento em programas de manejo integrado de pragas.

Agradecimentos

CAPES, CNPq e FAPEMIG